

**NOTÍCIAS IBÉRICAS NO LIVRO III DE JEAN FROISSART (1337-1405):
NOTAS SOBRE A CIRCULAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA BAIXA IDADE MÉDIA**

Marcella Lopes Guimarães¹
Universidade Federal do Paraná

Recebido: 07/11/2015
Aprovado: 20/12/2015

Resumo: O tema deste artigo congrega duas preocupações com quais tenho trabalhado desde 2009: o exame da obra do cronista de Valenciennes, Jean Froissart (1337-1405), e o estudo da circulação da informação no Ocidente Latino, entre Portugal, Castela e França, na Baixa Idade Média. Nesse texto, busco percorrer o Livro III das *Crônicas* de Froissart, para conferir quais acontecimentos o cronista evoca sobre a Península Ibérica e como o faz, excluindo a Batalha de Aljubarrota. Sobre a relevância de abordar os acontecimentos ibéricos no Livro III, o próprio Froissart pode responder, ao declarar no seu prólogo, que se sentiu particularmente atraído às notícias que lhe chegaram da Península Ibérica. Como isso se manifesta na economia do texto? 45 % do Livro III, no Manuscrito que ampara esse artigo, referem-se a assuntos peninsulares ou que têm relação com a Península Ibérica.

Palavras-chave: Jean Froissart; Crônicas; Livro III.

IBERIAN NEWS IN *BOOK III* OF THE JEAN FROISSART'S *CHRONICLES* (1337-1405):
THE CIRCULATION OF INFORMATION IN THE LATE MIDDLE AGES

Abstract: The subject of this essay assembles two concerns that I have been working since 2009: the examination of the work of the Valenciennes chronicler Jean Froissart (1337-1405), and the study of the circulation of information in the Latin West, between Portugal, Castile and France in the Late Middle Ages. In this text, I seek to go through the Book III of the Froissart's *Chronicles*, to check what events the chronicler evokes on the Iberian Peninsula and how he does it, not including the Battle of Aljubarrota. About the importance of considering the Iberian events in the Book III, Froissart himself can answer, by declaring in his prologue, he felt particularly drawn to the news that reached him of the Iberian Peninsula. How is that disclosed in the economy of the text? 45% of Book III, the manuscript that supports this article, refer to peninsular issues or that are related to the Iberian Peninsula.

Keywords: Jean Froissart; *Chronicles*; Book III.

A proposta, a pertinência e o enquadramento:

O tema deste artigo congrega duas preocupações com quais tenho trabalhado desde 2009: o exame da obra do cronista de Valenciennes Jean Froissart (1337-1405) e o estudo da circulação da informação no Ocidente Latino,

¹ Endereço de correspondência: Rua Gal. Carneiro, 460. Prédio D. Pedro I, 7º andar, sala 715. Centro - Curitiba - Paraná - Brasil. CEP: 80060-150. E-mail: marcella974@gmail.com.

entre Portugal, Castela e França, na Baixa Idade Média. Destaco alguns resultados da conjugação específica desses dois temas, publicados em 2013 e 2014, ambos ligados à narração de batalhas: o artigo “Aljubarrota (1385) e as vozes que fundam a lembrança”, publicado em livro organizado por mim² em 2013, e o artigo “A Polifonia de Nájera (1367)”, publicado na revista *Territórios e Fronteiras* em 2014.³ Há ainda a tradução da importante obra *Froissart et le temps* do Prof. Michel Zink (do Collège de France), realizada em 2014, e que está no prelo. Nos dois primeiros casos, analisei eventos pontuais a partir do cotejamento das narrativas de 4 cronistas: o castelhano Pero López de Ayala, Froissart, o português Fernão Lopes e o cronista anônimo da *Crónica do Condestrabre*. Pesquisar a maneira como esses homens da escrita reportaram acontecimentos de tão grande impacto na sociedade castelhana e na sociedade portuguesa me fez ver o quanto Froissart estava bem informado do que acontecia na Península Ibérica. A tradução de *Froissart et le temps* colaborou com esse entendimento, ao revelar as condições nas quais o cronista de Valenciennes trabalhava, ou seja, como realizava e onde realizou a busca por informações. No caso de Aljubarrota, reputo como fundamental a experiência que ele teve na corte do *Prince Soleil*, Gastão Febo (1331-1391), e as conversas que entabulou com participantes da batalha, de ambos os lados.

Evoco essas realizações a fim de que fique clara a mudança completa de objetivo e metodologia que me propus aqui. Nesse artigo, busco a verticalização e não o cotejamento. Busco percorrer o Livro III, que reconta eventos sucedidos entre 1383 e 1389, a partir da transcrição do Manuscrito de Besançon 865 para avaliar quais acontecimentos Froissart narra sobre a Península Ibérica e como o faz, excluindo a Batalha de Aljubarrota. Antes de prosseguir, antevejo 3 questionamentos: por que o Livro III? Por que o Manuscrito de Besançon? Por que abordar os negócios referentes a Castela e a Portugal, na obra de Froissart? Os estudiosos da obra do cronista, com destaque para o Prof. Peter Ainsworth, um dos maiores especialistas no Livro III, observam que há uma grande mudança na

² GUIMARÃES, Marcella Lopes. Aljubarrota (1385) e as vozes que fundam a lembrança. In: GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais**. Curitiba: UFPR, 2013.

³ GUIMARÃES, Marcella Lopes. A Polifonia de Nájera (1367). In: **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 7, n. 2, jul.-dez., 2014.

narrativa de Froissart a partir na redação desse Livro: “*Le troisième Livre inaugure une nouvelle phase dans la carrière de l’écrivain, qui parle abondamment dans son texte, et comme à loisir, de lui-même et de ses pratiques d’historien*”.⁴ Assim, a narração passa a colaborar de forma nova para a constituição do sentido do texto, com a expansão do narrador. Em relação aos manuscritos, eles são 23 para o 3º Livro e o manuscrito de Besançon costuma ser o mais reputado pelos especialistas, inclusive é a base da edição da *Lettres Gothiques*, de 2004, dirigida pelo Prof. Michel Zink, a partir do estabelecimento do texto feito por Peter Ainsworth e dos *Textes littéraires français*, a cargo do mesmo Ainsworth, para a editora belga Droz. Destaco que o Prof. Peter é também o criador do site “The Online Edition of the Chronicles of Jean Froissart”,⁵ base documental que fundamenta as minhas escolhas nesse artigo. Sobre a relevância de abordar os acontecimentos ibéricos no Livro III, o próprio Froissart pode responder, ao declarar no seu prólogo, que se sentiu particularmente atraído às notícias que lhe chegaram da Península Ibérica. Como isso se manifesta na economia do texto? 45 % do Livro III, no Manuscrito que ampara esse artigo, referem-se a assuntos peninsulares ou que têm relação com a Península Ibérica.

Assuntos concernentes a Aragão e Navarra:

Em 1388, Jean Froissart empreende sua célebre viagem à corte de Gastão Febo, conde de Foix e Béarn. Os mapas que tentam representar a configuração do Ocidente Latino nesta época revelam que o senhorio do *Prince Soleil* ligava a Península à França, colado aos reinos de Aragão e Navarra. Não bastasse a proximidade física, Gastão Febo casou-se com a infanta Agnes de Navarra. Para a sua corte, confiantes na “neutralidade” de seu posicionamento político, convergiram cavaleiros das mais diferentes paragens, daí, sobretudo, o interesse de Froissart:

⁴ AINSWORTH, Peter. Aspects littéraires et historiques du début du troisième Livre. In: FROISSART, Jean. **Chroniques**. Livres III et IV. Lettres Gothiques, collection dirigée par Michel Zink. Édition et textes présentés et commentés par Peter F. Ainsworth et Alberto Varvaro. Paris: Le Livre de Poche, 2004. p. 73.

⁵ FROISSART, Jean. **Chroniques**. Disponível em : <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/index.jsp>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

“La fu je enforméz de la greigneur partie des faiz d’armes qui estoient avenuz en Espagne, en Portingal, en Arragon, en Navarre, en Angleterre, en Escoce et es frontieres et limitacions de la Languedoc, car la vy venir devers le conte, durant le temps que je y sejourney, chevaliers et escuiers de toutes ces nacions. Si m’en enformoie, ou par eulx ou par le conte qui volentiers m’en parloit” (SHF, 19).

Lá eu fui informado da maior parte dos feitos de armas que estavam acontecendo em Castela, Portugal, Aragão, Navarra, Inglaterra, Escócia e nas fronteiras e limites do Languedoc, pois lá eu vi virem em direção ao conde, durante o tempo em que me hospedei junto a ele, cavaleiros e escudeiros de todas as procedências. Também me informei a respeito ou por eles ou pelo conde que com vontade me falou sobre o assunto.⁶

O cronista tem muitos informantes, a quem dá voz, em discurso direto no texto. Um deles é o cavaleiro Espan de Lion que começa a narrar a Froissart eventos de grande impacto na corte de Febo, em que o rei de Navarra esteve diretamente implicado, ou seja, o caso da morte do herdeito do condado, o jovem Gastão. O cavaleiro não termina essa narrativa, que é completada por um escudeiro da Casa.

O conde tinha em seu poder um prisioneiro pelo qual o rei de Navarra estava disposto a pagar. A condessa se encaminha ao reino de Navarra para receber a importância que seu irmão lhe confere, afirmando, porém, que a quantia não sairia do reino... Isso desperta a ira e a suspeita de Gastão Febo, em relação a algum acordo entre os irmãos, ou seja, entre a sua mulher e o rei. Ela, com medo do marido, permanece na corte do irmão. O filho de Febo vai a Navarra provavelmente para tentar uma solução para o problema. É bem recebido pelo tio que lhe entrega, porém, uma substância, que segundo o monarca, haveria de apaziguar os condes... O jovem volta, esconde a substância, mas ela é encontrada pelo seu irmão bastardo que revela ao pai o segredo. Gastão Febo testa a substância em um cão e descobre tratar-se de um veneno, não de um filtro do amor. Ele envia o filho à prisão e lá, talvez acidentalmente, mata-o. Esses são os fatos.

Lembremo-nos, porém, que eles são contados a Froissart por um escudeiro do *Prince Soleil* que responsabiliza unicamente o rei de Navarra pela morte do jovem herdeiro do condado (SHF, 21). O mesmo narrador não esconde ser o bastardo que revelou o segredo um indivíduo “malicioso”. Tendo Gastão Febo

⁶ Todas as traduções do Livro III que figuram neste artigo são de minha autoria e responsabilidade.

apenas um filho legítimo, a fidelidade dos bastardos ao pai em princípio era certa, não aos irmãos que eram legítimos... No texto, não há espaço, porém, para a suspeita de um acordo entre o rei de Navarra e o sobrinho. O rei é representado como ardiloso e capaz de enganar um jovem que teria boa vontade em fomentar a paz entre seus pais.

Quando Gastão Febo encaminha seu filho à prisão, sua corte se manifesta contrária àquele gesto, crendo na inocência do jovem, ao que o pai está surdo. O jovem recusa alimentação e é visitado pelo seu pai que pressiona uma pequena lâmina contra seu pescoço. Não viu, porém, que havia rompido uma importante artéria e o jovem é encontrado morto pouco depois, para a surpresa de todos, incluindo de seu assassino.

O rei Charles II de Navarra (1332-1387) foi cognominado no século XVI como Charles o Mau, é filho do Conde Filipe de Evreux e da rainha Jeanne de França, filha de Luís X de França e Navarra. Portanto, Charles II desce da dinastia capetíngia, foi candidato ao reino de França contra os Valois, confrontou-os em questões sérias (na Normandia, por exemplo),⁷ perdeu e foi senhor de um reino ibérico. Nos seus domínios e na sua própria individualidade, convergiram razões múltiplas. Seu projeto de interferência no condado de Foix e Béarn é uma tentativa de amenizar a pressão de um grande vizinho, seu parente também... Em momentos do texto, Froissart sugere a dificuldade que franceses tiveram para ajudar Castela por causa da instabilidade da posição de Navarra (SHF, 97). O próprio conselho do rei, segundo Froissart, não ousava se lhe impor, dada a sua “crueldade” (SHF, 238), que se abatia contra os povos por meio de talhas (“tailles”).

A relação entre Castela e Navarra melhora com o casamento entre o filho de Charles *le Mauvais*, o futuro Charles III, com a dinastia Trastamarista, na figura de Leonor de Castela, irmã do rei D. Juan I. Froissart descreve a mudança política que esse casamento favorece:

Car le roy de Navarre ne vouloit pas faire desplaisir au roy de Castille, car son filz messire Charles de Navarre avoit a femme pour ce temps la suer du roy Jehan de Castille. Et quant la paix fut faite du roy Henry, pere au roy Jehan de Navarre, ilz jurerent grans aliances ensemble, lesquelles se

⁷ Quando o Duque de Bourbon passa pelo reino, o rei pede sua interferência nos negócios da Normandia (SHF, 216).

tenoient et estoient bien taillees de tenir. Ne le roy de Navarre ne puet resister au fort contre le roy de Castille se il n'a grans aliances ou confort du roy d'Arragon ou du roy d'Angleterre. (SHF, 151).

Pois o rei de Navarra não queria desagradar ao rei de Castela, porque seu filho, o senhor Carlos de Navarra, tinha por esposa a irmã de Juan de Castela nessa época. Quando a paz foi feita com o rei Henrique, pai de João de Navarra [na verdade, segundo o contexto, trata-se de Juan de Castela, cujo pai foi Henrique Trastâmara, provavelmente, um equívoco de Froissart], eles juraram grandes alianças juntos, as quais eram tidas e estavam bem definidas e então feitas para durar. O rei de Navarra não podia resistir ao rei de Castela, se não tivesse grandes alianças, ou apoio do rei de Aragão ou do rei da Inglaterra.

Sobre Aragão, Froissart reporta a morte de Pedro IV e o coloca mesmo a proferir um discurso aos filhos no leito de morte, de maneira direta. Nesse discurso, o rei aconselha os infantes à neutralidade, no que se refere ao Cisma. O cronista emite considerações muito positivas sobre o rei à beira da morte: *“qui fu un moult vaillant homme en son temps et qui grandement augmenta la couronne et le royaulme d'Arragon, et conquist tout le royaulme de Maiogres”* (SHF, 123) [que foi um muito corajoso homem em seu tempo que grandemente aumentou a coroa e o reino de Aragão, e conquistou todo o reino de Maiorca], não esquece que ele fora aliado do Príncipe Negro, personagem muito caro a Froissart. A sua morte gera uma série de problemas no reino, já que, pressionado pela aliança matrimonial, segundo Froissart, o jovem rei pende para o Papa Clemente V. As “boas cidades” de Aragão também pressionam o monarca a jurar determinadas condições a fim de poder ser coroado, o que o desgosta, segundo o cronista, sobretudo contra Barcelona.

Nesse período, Froissart faz menção aos *routes*:

En ce temps avoit en la Languedoc sus les frontieres d'Auvergne et de Rouuergue vers Pesenas et vers la cité d'Uzéz une maniere de gens d'armes qui s'appelloient les routes. Et se monteplioient tous les jours pour mal faire, et en estoient cappitaines IIII hommes d'armes qui demandoient guerre a tout homme qui feust monté a cheval, ilz n'avoient cure a qui. (SHF, 124).

Nesse tempo, havia no Languedoc sobre as fronteiras de Auvergne e de Rouuergue em direção a Pesenas e à *cité* de Uzéz um tipo de gente de armas que se chamava *routes*. Eles se multiplicavam todos os dias para fazer o mal e eram seus capitães 4 homens que demandavam guerra a todo aquele que estivesse a cavalo e não se preocupavam com ninguém.

Esses grupos armados atuaram sobre Aragão e Froissart sugere que o rei lhes sustentava contra vilas por demais “independentes” (SHF, 125). Uma das situações em que o cronista dispõe os *routes* é o caso da tomada de um castelo da prima de Gastão Febo. Interessa apontar que, nessa situação, ela recorre primeiro ao primo e não ao rei de Aragão. Este acaba por ter de enfrentar o problema dos “routes”.

Assuntos concernentes a Castela e Portugal:

Sem sombra de dúvida, dos 45 % do texto consagrados à Península Ibérica, os assuntos concernentes a Castela e Portugal são a maioria. Nesse sentido, mais uma vez, Froissart alude a seus informantes, em que se destaca João Fernandes Pacheco (“*Et si doucement et attrempeement le me comptoit et tant volentiers que je prenoie grant plaisance a l’oir et a l’escire.*” (SHF, 73) [e tão doce e cortês me enumerava, e com tal voluntariedade, que tomei grande prazer em ouvi-lo e em escrever-lhe], dá-lhes voz diretamente e descreve sua diligência para recolher informação, observando que não só esteve no condado de Foix e Béarn, como também foi até Bruges, atrás da voz dos portugueses. Como o cronista de Valenciennes se ocupa de eventos sucedidos entre 1383 e 1389, informa acerca dos antecedentes da mudança dinástica em Portugal, menciona D. Fernando, seu casamento com Leonor Teles, o nascimento da filha Beatriz que se casaria com D. Juan I de Castela e aborda a morte do rei de Portugal que entroniza o rei de Castela no reino português como herdeiro. Nesse sentido, Froissart não se escusa de expor em discurso direto as humilhações que os castelhanos infringiram aos portugueses, depois da morte do rei D. Fernando:

ilz se mocquoient d’eulx, et disoient: ‘O, gens de Portingal, vueilliéz ou non, vous retourneréz en nostre dangier. Nous vous tendrons en subjeccion et en servage, et vous enseignerons si comme esclave et Juifs, et ferons de vous nostre volenté.’ (SHF, 71)

Eles os ridicularizavam e diziam: “Oh, gente de Portugal, queiram ou não, vós retornareis a nosso domínio. Nós vos teremos em sujeição e em servidão, e vos ensinaremos como se fôsseis escravos e judeus, e faremos de vós o que nos aprouver”.

Froissart tem um juízo muito positivo do rei de Portugal D. João I. Dispõe-no a amar os cães e os pássaros, a primar pela elegância e maneiras cortesãs:

il est gracieux homme et a bien corps, maniere et ordonnance de vaillant homme, et est mon espoir que il regnera en puissance, car il est amé de ses gens, et disent que ilz n'eurent, passé a cent ans, qui si bien leur cheyst en cuer ne en grace, et n'a encores d'aage que XXVI ans. Il est fort chevalier et dur selon la nature de Portingalloys, et est bien taillé de corps et de membres pour porter et souffrir peine. (SHF, 109-111).

Ele é um homem benevolente e tem bom corpo, maneira e disposição de homem corajoso, e é minha esperança que ele reinará poderosamente, pois ele é amado pelas suas gentes, que dizem não terem tido, passados cem anos, quem tão bem lhes adviesse e em graça, e ele só tinha então 26 anos. Ele é um forte e duro cavaleiro, segundo a natureza dos portugueses, e é bem talhado no corpo, capaz de suportar e sofrer sofrimentos.

Atribui-lhe virtudes como a coragem, a sabedoria e a determinação (SHF, 3), afirma que o Mestre de Avis foi alçado à condição de rei pelas maiores cidades do reino, a despeito da origem bastarda. Cabe ressaltar que Froissart repete um argumento que veremos escrito décadas depois por Fernão Lopes e posto na boca de João das Regras, quando este alude a uma bastardia geral entre os candidatos ao trono português. Assim, Froissart é minucioso quando aborda as circunstâncias do enlace entre D. Fernando e Leonor Teles que, quando se casou com o rei, ainda era casada com outro, o cavaleiro João Lourenço da Cunha.⁸ O argumento de Froissart é nivelar a todos, inclusive lembrando que o rei de Castela D. Juan I era, ele também, filho de um bastardo, Henrique II Trastâmara. Ora, faz pensar que nem D. Juan, nem sua mulher tinham direito aos tronos que ocupavam ou alejavam. O cronista de Valenciennes só não aborda a sorte dos filhos de Inês de Castro...

São diversos os capítulos concernentes à Batalha de Aljubarrota,⁹ os detalhes engrossam o relato de outro narrador a quem Froissart empresta a voz,

⁸ É interessante destacar que, na narrativa de Froissart, Leonor não está investida da sensualidade perniciosa com que o foi em Portugal. Ela é identificada muito mais como vítima da paixão do rei de Portugal (SHF, 79). Froissart também ignora completamente a ligação do rei D. Fernando com sua própria irmã, D. Beatriz (filha de Inês de Castro), ligação esta narrada por Fernão Lopes. Froissart, porém, sugere a ligação entre Leonor Teles e o Andeiro, ao afirmar que ele governava a rainha (SHF, 82).

⁹ Em "Aljubarrota (1385) e as vozes que fundam a lembrança" (GUIMARÃES, Marcella Lopes (org.). **Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais**. Curitiba: UFPR, 2013.), analisei 3 capítulos concernentes à batalha.

trata-se de Lourenço Anes Fogaça. Fogaça narra a partir do que viveu, esteve na Batalha Real. Assim, ao permitir que ele narre, Froissart não finge que ele fala para enganar os “leitores” crédulos, mas constrói uma narrativa verossímil, com o que o português poderia ter dito a partir de sua experiência. Como esse texto exclui a discussão da Batalha especificamente, aponto apenas um aspecto de forte ressonância para a narração de Froissart sobre os eventos da Península: o projeto político do Duque de Lencastre em Castela. Depois da vitória em Aljubarrota, o condestável Nun’Álvares Pereira propõe a escrita de uma carta ao Duque de Lencastre convidando-o a confrontar o rei D. Juan I, afinal o duque era casado com a filha mais velha de Pedro I de Castela, D. Constança, e já tinha dela uma filha, D. Catarina. Um detalhe é que, entre os embaixadores nomeados, um é realçado pelo domínio do Francês. Aliás, as cartas enviadas à Inglaterra são escritas em Latim e em Francês (SHF, 75). É no bojo dessa “visita” que Fogaça conta o que se passou no Planalto de São Jorge, em 14 de agosto de 1385.

Froissart tem um juízo pouco simpático aos castelhanos em geral. Além de fazer questão de exibir os comentários irônicos destes em relação aos portugueses, narra detalhes pouco edificantes, em comparação com os portugueses em situações análogas. Assim, no contexto do Cerco de Lisboa, em 1384, o rei de Castela ordena a mutilação de um português capturado por seus homens. Logo na sequência, Froissart observa que o então Mestre de Avis devolve um preso castelhano inteiro... (SHF, 85). Na vitória portuguesa de Aljubarrota, nenhuma condescendência aos castelhanos, enquanto para os portugueses elogios à sua coragem e destreza, mesmo levando em conta que a batalha teve poucos cativos.

A campanha dos embaixadores portugueses junto ao Duque de Lencastre é bem sucedida e ele resolve partir com as filhas e a esposa para a Península. Leva as filhas porque a embaixada incluía a proposta de um casamento com o rei de Portugal. O avanço das tropas do duque na Galiza também é sutilmente comparado às maneiras como as tropas francesas atuavam em favor de seu aliado, o rei de Castela D. Juan I. Os franceses são os amantes da rapina indiscriminada. Todavia, se a conquista de cidades, de forma pacífica ou não, foi expressiva para o duque de Lencastre e a esposa, filha do rei Pedro I, ela gastou as tropas, comprimidas também pela estratégia sugerida pelos franceses ao rei de Castela, ou seja, de

deixar que o duque avançasse sem uma batalha decisiva. Em vários momentos, sobressai a angústica do rei em relação às vitórias do duque, mas os franceses observam que, do lado do monarca, estavam as cidades mais importantes e que ele ainda se beneficiaria do cansaço e do clima desacostumado para os ingleses. De fato, a narrativa apresenta as hostes do duque tombando adoentadas, mesmo o seu líder.

O projeto político do duque é reforçado pelo casamento de D. João I de Portugal com Felipa de Lencastre, preferida por D. João habilmente para que não tivesse que dedicar a vida à recuperação do trono castelhano de uma de suas herdeiras... Entretanto, mesmo assim, essa coalização não é suficiente. Froissart compara portugueses e ingleses: "*Car Angloys sont de plus foible compleccion que les Portingalloys, car ceulx de Portingal portoient encores asséz bien celle peine, car ilz sont durs et secs et faiz de l'air de Castille*". (SHF, 205) [Pois os ingleses são de mais frágil compleição que os portugueses, pois os de Portugal suportam melhor ainda esse sofrimento, pois são duros e secos e feitos do ar de Castela] e revela que, enquanto D. João cavalgava ao lado do duque, as tropas iam separadas. Além de não se entenderem, tinham temperamentos diferentes (SHF, 203).

Também compara a guerra que se fazia no reino da França e em Castela, enquanto o primeiro

est reampli de gros villaiges, de beaulx paÿs, de doulces rivieres, de beaulx estancs, de belles prayeries, de courtoys vins et substancieux pour gens d'armes eulx nourrir et renffreschir de souleil et d'air a point attrempé, et nous avons cy [castela] tout le contraire. (SHF, 201)

É repleto de robustas vilas, de belos campos, doces rios, belos lagos, belos prados, de vinhos agradáveis e substanciais para as gentes de armas se nutrirem e se refrescarem de sol e ar moderado, nós temos em Castela o contrário de tudo.

Para os ingleses, a guerra em Castela é insalubre.

A situação de enfraquecimento das hostes não passaria despercebida a D. João I de Portugal que aconselha o sogro a voltar a Galiza e descansar as tropas para um outro momento de avanço, quando as condições climáticas fossem mais aprazíveis aos ingleses. É importante reassaltar que o Duque de Lencastre estava no limite do suporte que o reino de origem poderia lhe dar. Froissart está muito

bem informado da crise política tanto na França de Carlos VI quanto na Inglaterra de Ricardo II...

O certo é que, movido por sua própria debilidade física, o duque de Lencastre recua e D. Juan I de Castela confirma a excelência do conselho dos franceses, assentados em seu reino. É bem verdade que a inércia dos franceses se devia objetivamente à espera do reforço das tropas do Duque de Bourbon. Depois que as hostes inglesas se desfazem, o duque de Bourbon se aproxima... Antes, porém, ainda para um pouco em Aragão para visitar os primos.

Tudo levaria a crer em uma vitória da coligação franco-castelhana. Antes, uma questão: esse juízo provaria o uso anacrônico da ciência dos fatos contra o que era possível aos homens e mulheres de então? Há duas maneiras de responder à questão. Em primeiro lugar, a permanência do duque de Lencastre na Galiza, mesmo debilitado e já desprovido de uma parte dos homens, ou porque morreram ou porque retonaram a Inglaterra, sempre potencializaria uma reação contra Castela, sobretudo levando-se em conta a coalisão com Portugal, fundada no casamento entre D. João e Filipa de Lencastre. Sua permanência ainda gera outros riscos, pois da Galiza ele maneja o potencial matrimonial da outra filha, herdeira pretendida de Castela, D. Catarina. Como noivo, um candidato fortíssimo do reino da França, o próprio duque de Berry, idoso para os padrões da época, mas disponível. O Duque de Lencastre faz passar cartas por Castela em que a possibilidade do enlace é um segredo mal guardado propositadamente, isso fica evidente na leitura de Froissart. É nesse momento que, em Castela, insinua-se outro projeto: o casamento de Catarina de Lencastre com o filho de Juan I, o futuro Henrique III. Na verdade, esse é o projeto favorito do duque de Lencastre e de sua mulher, Constaça. Froissart explicita a percepção clara dos pais da jovem de que, morto o duque de Berry, a filha seria uma dama entre outras em terra hostil, enquanto em Castela, seria rainha, como era seu direito.

Há dois projetos de paz que tramitam nos casamentos possíveis de Catarina de Lecastre: com o duque de Berry, uma paz maior, de ressonância no próprio destino da Guerra dos Cem Anos. Outra possibilidade é mais particular e é essa a que vinga. D. Juan de Castela é levado a considerar o casamento como garantia da paz, mesmo com a preocupação explícita do rei da França, que envia embaixadores

a Castela para expressar o zelo pela manutenção das alianças entre os dois reinos. O casamento ainda custa caro aos cofres castelhanos que ficariam comprometidos com pagamentos até o fim da vida dos duques de Lencastre.

Froissart também revela informações que Pero López de Ayala não nos dá, ele o cronista oficial de Castela e Chanceler maior do reino: falo do destino dos restos mortais de Pedro I. Um dos primeiros gestos da duquesa Constança, quando vai a Castela acompanhar a filha para o casamento, é honrar e transladar os restos do pai para a catedral de Sevilha, onde eles estão hoje. A prossição é mesmo acompanhada pelo rei de Castela, filho do assassino de Pedro, e por seu filho, marido da neta de Pedro:

La dame vint a Nantueil et fist tant par juste anqueste que elle sceut de verité ou son pere fut jadiz ensepveliz, si comme vous sçavéz et il est contenu cy dessus en nostre histoire. Sy fut deffouiz et les os prins et levéz et embauméz et mis en un sarqueux et portéz en la cité de Seville; et vindrent toutes les processions a l'encontre et au dehors de la cité. Sy furent en la cathedral eglise ces os portéz, et la mis moult reverentment; et lui fist ont tressollemnement obsecque, et y fut le roy Jehan de Castille et son filz le jeune prince de Gallice et la greigneur partie des prelas et des barons. Après cest obsecque fait, chascun s'en retourna en son lieu. (SHF, 305).

A senhora veio a Nantueil e soube a partir de justa investigação onde seu pai fora enterrado, como vós sabeis e está contido aqui em nossa história. Então, ele foi desenterrado e os ossos tomados, levados, embalsamados, colocados em um sarcófago, e levados a Sevilha. E vieram todos em procissão para encontrá-los fora da cidade. Desta forma, foram seus ossos colocados na catedral, de forma muito reverente; e lhes foram feitas exéquias muito solenemente. Tomaram aí parte o rei D. Juan de Castela, seu filho, jovem príncipe da Galiza, e grande parte dos prelados e de dos barões. Depois de feitas as exéquias, cada um retornou a seu lugar.

Voltando à questão acima proposta, ou seja, da percepção na época de que a vitória da coligação franco-castelhana sobre o cansaço e o desmanche das hostes anglo-portuguesas tornaria o casamento entre Catarina e o futuro Henrique III uma ação desnecessária, Froissart traz à cena a análise de um dos seus mais prestigiados personagens: o conde Gastão Febo:

"Ce roy de Castille est un grant cheitifs; il a fait paix a un homme mort! car je sçay bien", dist le conte de Foix, "que le duc de Lancastre estoit en tel party que il ne se pouoit aydier. Par ma foy", dist le conte, "il y a un saige

homme ou duc de Lancastre, et vaillamment et saigement il s'est portéz de ceste guerre." (SHF, 302).

"Esse rei de Castela é um grande miserável; ele fez a paz com um homem morto! Pois eu bem sei", disse o conde de Foix, "que o duque de Lancastre estava em tal situação que ele não se podia ajudar. Por minha fé", disse o conde, "há um homem sábio [nessa história], é o duque de Lancastre, corajosa e sabiamente ele se portou nesse guerra".

Gastão Febo já analisara mesmo a guerra entre as coalisões e já havia percebido que só uma campanha rápida ou uma batalha campal daria ao Duque de Lancastre a legitimidade necessária para assumir a herança da mulher. Foi Aljubarrota quem tornou D. João I de Portugal um rei viável. Os franceses são hábeis em desviar os castelhanos de um combate aberto contra os ingleses. A demora do Duque de Bourbon, provavelmente intencional, garantiu que o rei de Castela fosse instado a ter paciência e esperar o cansaço dos seus oponentes.

Sobre a circulação da informação

Há muitos aspectos instigantes sobre a circulação da informação no perímetro coberto pela narrativa do Livro III de Jean Froissart. Destaco dois neste artigo: o papel da língua e o papel dos cavaleiros. São raras as vezes em que o cronista se identifica como *francês* na sua obra e levando-se em conta que sua primeira senhora, Filipa de Hainaut, sua conterrânea, foi rainha da Inglaterra, a admiração de Froissart pelo rei Eduardo III e pelo filho deles, o Príncipe Negro, é muito mais entusiasmada que por qualquer nobre francês... Porém, mesmo vivendo sob a proteção de uma rainha, Froissart nunca foi um cronista régio, como Ayala ou Fernão Lopes. Viveu entre cortes principescas, tendo seu talento reconhecido e pago por grandes senhores. Essa "isenção" possível naquele contexto a um homem de letras qualifica bastante algumas informações que são segredadas em sua obra a respeito dos reis e reinos. O fato de os embaixadores portugueses se preocuparem com o idioma e escreverem em francês (o latim era óbvio) cartas a um duque inglês demonstra o prestígio e o potencial do idioma como garantia de negociações extraterritoriais.

Froissart alude em vários momentos à percepção do idioma no texto, como quando D. Constança escuta os castelhanos falarem. Ela, que foi muito jovem para a

Inglaterra, devia ter memória da língua materna. Quando o cronista afirma que portugueses e ingleses não se misturavam, uma das razões é linguística. Pouquíssima preocupação têm Ayala e Fernão Lopes com o tema, mas ele é fundamental para perceber afinal como as pessoas podiam se entender em sociedades bastante permeáveis a encontros culturais, como a corte de Gastão Febo.

A Corte de Febo nos leva a abordar outro elemento – o papel dos cavaleiros na circulação da informação. Antes, porém, é importante perceber que, pelas terras de Febo, terras entre França, Aragão e Navarra, passam mesnadas que obtêm autorização para transitar apenas mediante pagamentos substanciais, isso fica claro no Livro III. O Conde de Foix é um homem rico e que gosta de dinheiro. Sua “neutralidade” política facilita, portanto, a constituição de uma verdadeira zona de interseção para a qual confluem pessoas e discursos, ou seja, um espaço de convergência de cavaleiros que podem se considerar seguros e que têm histórias para contar. O Conde de Foix e Béarn não é o senhor de Froissart, é um senhor temporário. O cronista teve de obter autorização do seu “verdadeiro” protetor, o conde de Bois, para ir a Foix, esse ambiente único para quem queria estar bem informado.

Considerações finais

Quando comparamos as crônicas de Froissart às de Pero López de Ayala, por exemplo, uma primeira diferença se revela nítida – a ordenação dos eventos. Ayala narra os acontecimentos cronologicamente. Froissart no Livro III reordena os eventos conforme a informação que deles lhe chega. Há cronologia na sua narrativa, mas ela não constrange a narração. A narração fundamenta a ordem dos eventos. Nesse sentido, Fernão Lopes parece mais com Froissart.

O fato de quase a metade do Livro III compreender eventos concernentes à Península Ibérica revela a importância que eles tiveram do ponto de vista de quem tinha por tarefa *escrever a história*. Fortalece essa constatação todo o investimento que Froissart fez para construir a narrativa e preencher-lhe as lacunas: autorização para viajar, para se estabelecer junto a outro senhor, cavalagar com cavaleiros que deliberadamente paravam a narrativa em momentos fundamentais, como Espan de

Lion, que não completa a narrativa da morte do jovem Gastão, filho assassinado pelo pai, busca por outras fontes, novas viagens... O trabalho de Froissart era solicitado, realizado, pago e divulgado. O número de manuscritos ainda prova a sua circulação, outras formas de alimentar as pessoas no período.

No balanço de notícias da Península sobressaem as lutas entre Portugal e Castela, quando comparado ao que é narrado sobre Navarra e Aragão. Sobressairiam porque envolveram outros reinos, como Inglaterra e França? É preciso ter cuidado com uma resposta apressada e que compreende Portugal e Castela como satélites das lutas entre astros mais robustos... O Duque de Lencastre está só em seu projeto... O conselho inglês apoia-o finalmente, mas no auge da crise que vive em uma Castela hostil do ponto de vista mais climático que bélico, ele só conta com os portugueses... Estes, por sua vez, aparecem no Livro III como aqueles que, de fato, atraíram o Duque para fortalecer a sua própria autonomia frente à Castela. Na solução finalmente adotada por D. Juan I de Castela, de casamento entre seu filho e a neta de Pedro I, inimigo de seu pai, casamento que ameaçava a sua aliança com a França (!), ele pensa na segurança de seu próprio reino. Os embaixadores enviados pelo rei da França, temeroso com o fato de o casamento entre Catarina e o futuro Henrique ser uma aproximação clara com a casa inglesa de Lencastre, deixam o reino sem muita atenção do rei de Castela...

A narrativa de um cronista não diretamente vinculado a uma casa real, como Froissart, mas muito bem informado por uma polifonia, mostra como Portugal e Castela manipularam a seu favor, ou seja, em favor da garantia do fortalecimento da independência de cada um frente ao outro, o apoio de seus aliados. Estes, por sua vez, também usaram esses combates para se manterem em exercício durante tréguas entre França e Inglaterra. O Livro III atesta uma realidade dinâmica na Península Ibérica formada não por coadjuvantes, mas por atores que Froissart inscreveu em seu projeto de escrita.

Referências Bibliográficas

AINSWORTH, Peter. Aspects littéraires et historiques du début du troisième Livre. *In: FROISSART, Jean. Chroniques. Livres III et IV. Lettres Gothiques, collection*

dirigée par Michel Zink. Édition et textes présentés et commentés par Peter F. Ainsworth et Alberto Varvaro. Paris: Le Livre de Poche, 2004.

FROISSART, Jean. **Chroniques**. Livres III. Disponível em:

<<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/index.jsp>>. Acesso em: 26 de ago. 2015.

GAUVARD, Claude; LIBERA, Alain de; ZINK (dir.) Michel. **Dictionnaire du Moyen Âge**. Paris: PUF, 2002.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. A Polifonia de Nájera (1367). **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 7, n. 2, jul.-dez., 2014.

_____. **Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais**. Curitiba: UFPR, 2013.

ZINK Michel. **Froissart et le temps**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.